



NOTÍCIAS EM PORTUGAL

ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA INFORMATIVA (SÉCULOS XVI-XX)

ALBERTO PENA RODRÍGUEZ

ANA TERESA PEIXINHO

ANDRÉ BELO

CARLA BAPTISTA

CARMINE CASSINO

HELENA LIMA

JOAQUIM FERNANDES

JORGE PEDRO SOUSA (ORG.)

MARCO GOMES

PATRÍCIA TEIXEIRA

PEDRO MARQUES GOMES



LIVROS
ICNOVA

ic NOVA INSTITUTO
DE COMUNICAÇÃO
DA NOVA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Notícias em Portugal – Estudos sobre a imprensa informativa (séculos XVI-XX)

AUTOR

Jorge Pedro Sousa (Organizador)

COLEÇÃO

Livros ICNOVA

EDIÇÃO

ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa
Av. Berna, 26
1069-061 Lisboa – Portugal
www.icnova.fcsh.unl.pt icnova@fcsh.unl.pt

DIREÇÃO

Francisco Rui Cádima
Maria Lucília Marques
Cláudia Madeira

ISBN

978-989-54285-3-3 (Digital)
978-989-54285-4-0 (Impresso)

DESIGN E PAGINAÇÃO

José Domingues | UNDO

DATA DE PUBLICAÇÃO

Dezembro 2018

APOIO



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



A edição deste livro é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.



O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

ESTRATÉGIAS NOTICIOSAS E ENQUADRAMENTOS DISCURSIVOS DA MORTE DE SALAZAR NA IMPRENSA

HELENA LIMA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
hldlima@gmail.com

CONTEXTOS

A carreira política de António de Oliveira Salazar foi reconhecida por correligionários e detratores como determinante para a história do século xx português. Nascido em 1889, numa pequena aldeia Beirã (Vimioso, Santa Comba Dão), Salazar teve uma carreira brilhante no meio académico de Coimbra e a sua influência junto dos setores mais conservadores levaria a que se destacasse nos anos difíceis e hesitantes que se seguiram ao golpe militar do 28 de Maio de 1926 (Rosas, 1994). Seria sobretudo depois de 1930, com a vitória da facção mais conservadora dentro da ditadura militar, que a sua ação o levaria a ter o papel central no regime ditatorial, que perdurou até ao acidente que sofreu em 1968.

Desde o início do lançamento das bases do estado Novo até a sua morte, em 1970, Salazar foi a personalidade incontornável do regime que perdurou graças a um sistema político repressivo e silenciador das oposições. Meneses (2010) caracteriza a ditadura como pessoal, sobretudo no sentido em que associa o declínio físico do homem ao declínio de regime. O período que medeia a queda da cadeira e o acidente vascular que lhe sobreveio e a sua morte espelham, de alguma forma esta visão, uma vez que Salazar foi mantido num ambiente resguardado e em que acreditou até ao fim que era ainda o governante do país (Franco, 1989; Menezes, 2010).

Durante a longa carreira enquanto chefe de estado, Salazar foi, evidentemente, fonte de notícia, tendo tido, portanto, a sua morte um tratamento espetável por parte da imprensa. Foram-lhe dedicadas inúmeras páginas onde os jornais, com alguns elementos de originalidade, mas sobretudo com uma narrativa onde predominaram efeitos discursivos comuns, prestaram homenagem ao estadista, pelo recurso aos relatos biográficos, ao mesmo tempo que levaram à opinião pública a possibilidade de participar, ainda que indiretamente, nas cerimónias fúnebres organizadas pelo governo (Lima, 2016). O cerimonial revestiu-se da pompa e circunstância inerente à morte do estadista, tal como ocorreu em situações idênticas de personalidades políticas do século xx, como Kennedy, Churchill ou Palm, sendo que no caso português, a cobertura jornalística foi inevitavelmente condicionada pelo sistema censório implementado desde o início da ditadura. Contudo, olhar a cobertura da morte e exéquias de António de Oliveira Salazar à imagem do que foi estudado em relação a outros estadistas e personalidades célebres seria redutor, uma vez que embora o elemento cerimonial esteja presente neste tipo de acontecimentos e as peças jornalísticas sejam também uma forma de homenagem, no caso português há ainda a considerar a censura e o aparelho repressor que condicionaram a imprensa e o universo noticioso em Portugal, até ao fim da ditadura em 1974.

Não sendo a censura o objeto de estudo desta abordagem, seria limitador deixar de referir que a forma como o povo português “leu” as notícias da doença e morte de Salazar foi cuidadosamente vigiada por censores, pela PIDE e pelas decisões tomadas por um círculo muito restrito que detinha o poder. A censura à imprensa institui-se desde o golpe militar de 1926, mas os instrumentos criados pelo Estado Novo e o modelo de atuação não foram uniformes (Cabrera, 2017). Segundo Ana Cabrera (2017: 323-324), durante o período marcelista da ditadura o exercício da censura manteve-se, ainda que com alterações em termos de nomenclatura e funcionamento, em que o Secretariado Nacional de Informação (SNI) daria lugar à Secretaria de Estado de informação e Turismo (SEIT), cujo responsável, Moreira Baptista, lançaria a Direção dos Serviços de Censura. A esta estruturação deve ainda referir-se a saída da lei de Imprensa de 1972, que instituiu o “exame prévio”. Este ambiente de aparente alteração do regime censório não modificou, ainda segundo esta autora, a substância do aparelho repressivo, o que fica patente na forma como os diferentes jornais foram informando sobre a evolução do período terminal de Salazar, sendo várias as fontes a dar notícia, mas cabendo à SEIT um conjunto de comunicados e desmentidos oficiais (Lima, 2016).

A imprensa portuguesa foi transversalmente marcada pelos efeitos da ditadura, do regime censório e de outras pressões do aparelho repressor. António de

Oliveira Salazar exerceu pessoalmente coerção sobre os jornais, fosse através do contacto direto, fosse pela pressão financeira (Lima, 2013). O sistema de propriedade das empresas detentoras dos jornais (Cavaco, 2012) acabou por favorecer formas indiretas de condicionamento informativo, uma vez que as necessidades de modernização levaram a uma dependência da banca e a entrada do capital financeiro potenciou a pressão por parte do Estado. Por outro lado, a imprensa diária generalista portuguesa não teve um comportamento uniforme em relação a este formato repressivo. Para além da censura, a imprensa generalista diária podia ser mais alinhada com o regime e fazer deliberadamente o discurso da propaganda ou podia tentar a distância possível. Estes posicionamentos, ainda que pouco estudados em termos de elementos discursivos, estão presentes na cobertura da morte de Salazar, em que alguns diários se inserem claramente numa linha laudatória, quer pela composição noticiosa, quer pelo discurso textual e iconográfico.

O foco deste estudo não é analisar os efeitos censórios exercidos sobre os jornais na cobertura da morte de Salazar, embora seja interessante perceber o ambiente de especulação, intriga e controlo que estão, de alguma forma, patentes nos dias que antecedem aquele desfecho inevitável. Procura-se aqui, ainda que não de forma exaustiva, contribuir para uma visão de como, à luz da morte como valor-notícia, a imprensa contribui para a representação deste acontecimento. O facto de estarmos perante um estadista que durante quase quatro décadas controlou com mão de ferro os destinos do país determina a forma como o país leu e comungou deste tributo coletivo que lhe foi prestado pela imprensa. Assim, este estudo preocupa-se com os efeitos de composição elementos discursivos textuais, as representações tipificadas, tendo ainda e linha de conta os contextos específicos do momento que se vivia.

O ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL E O AFASTAMENTO DO PODER

Entre 1930 e 1970, a evolução da ditadura não pode ser vista como um todo e, nos anos 70, Portugal vivia já o declínio do regime e sofria o desgaste da Guerra Colonial.

A 3 agosto de 1968, Salazar encontrava-se de férias no Estoril, quando ao sentar-se numa cadeira de lona foi vítima de um acidente. Segundo vários relatos, Salazar manteve a normalidade da sua agenda nos dias que se seguiram. Contudo, começou a queixar-se de dores de cabeça intensas e dificuldades em escrever, acabando por ser chamado o médico. O diagnóstico não foi conclusivo, mas a equipa médica decidiu-se pela cirurgia.

Para além do círculo restrito que rodeava Salazar, também o governo e a PIDE acompanharam as decisões médicas. Contudo, a nação foi mantida na ignorância, porque havia indicações para impedir a publicação de qualquer notícia sobre o estado de saúde do ditador. Só a 7 de setembro, quase um mês depois da queda, a Emissora Nacional anunciou ao país que Salazar tinha sido operado. A 17 de setembro, o *Diário de Notícias* anunciava que “Um brusco e grave acidente vascular” levou a um estado de coma que os médicos entendiam ser irrecuperável.

Américo Tomás, a 26 de setembro, através da rádio e da televisão comunicou ao país que o presidente do conselho estaria para sempre impedido de continuar na vida política. Contra todas as expectativas, o ditador recobrou do coma e manteve um estado de relativa lucidez quase até à morte. Até ao fim, Salazar viveu num ambiente cuidadosamente protegido, embora tivesse visitas das suas amizades mais próximas, mas também de outras personalidades. A exceção a este ambiente protetor daria origem ao facto mais relevante deste período, do ponto de vista noticioso. A sua última entrevista foi concedida a Roland Faure para o *L'Aurore*, jornal que sempre teria sido favorável ao regime e talvez por isso tenha havido autorização para que fosse concedida (Nogueira, 1989; Menezes, 2010). Publicada a 7 de setembro de 1969, com o título “Salazar julga que ainda governa Portugal”, a peça de Faure punha em evidência o facto de o ditador viver na ilusão de que era ainda chefe do governo. Anos mais tarde, em entrevista concedida a José Pedro Castanheira, Roland Faure¹ relata como se apercebeu da ilusão em que Salazar viveu naquele período e que embora mantivesse muitas das suas faculdades mentais (continuou a falar fluentemente francês e estava a par da política internacional), acreditava que era ainda o chefe do governo e Marcelo Caetano apenas um seu ex-ministro, sendo Américo Tomaz o seu substituto temporário.

Sucederam-se reações na imprensa internacional e um telex da France Press que divulgava o teor da entrevista, foi interditado pela comissão de censura². O *The Times* publicou um resumo do *L'Aurore* e a revista *Time* fez sair “Portugal: the State secret” onde referia o universo de ilusão que rodeou os últimos dias do ditador: “Austere old Dictator Antonio de Oliveira Salazar is still unaware that he was replaced 15 months ago while in a deep coma following a stroke – and he may never find out. No one in Portugal has so far been able to summon up the nerve to tell the old man that his 36-year reign is over.”³

¹ *Expresso*, revista *Única*, 2 de agosto de 2008.

² Segundo Faure, os 3 mil exemplares do *L'Aurore* que chegavam diariamente a Portugal foram bloqueados e Marcelo Caetano terá ficado furioso com o realce dado à entrevista a Salazar (In: entrevista citada, *Expresso*, agosto de 2008).

³ *Time*, Dec. 19, 1969 [http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,941732,00.html].

O último ano de vida de Oliveira Salazar não está documentado pela imprensa e os relatos sobre o seu estado de saúde são apenas dados a conhecer por Franco Nogueira e Américo Tomás. A notícia do *L'Aurore* e os ecos que se seguiram resultaram no silenciamento em torno da vida do ditador, embora os relatos encontrados no *Diário de Notícias* deem a entender que os jornalistas da sua confiança o continuaram a visitar. O ambiente fabricado construído à sua volta ter-se-á mantido até ao surgimento de uma septicemia generalizada, a 15 de julho de 1970. Os jornais, tal como tinha ocorrido na crise de setembro de 1968, não deram de imediato qualquer notícia, sendo a primeira informação do dia 17. Segundo *O Século*, o boletim clínico foi enviado às redações pelo Ministério do Interior dando conta do agravamento do estado de saúde de Salazar: “O estado de saúde do Presidente Salazar. Ontem de manhã, foi acometido de doença infecciosa. Embora tenha melhorado, é reservado o prognóstico.” Esta informação está presente em todos os diários analisados, de uma maneira geral, publicada numa caixa de texto e com pouca informação acrescida. Nos dias seguintes, o comedimento dos jornais foi variável.

Os jornais *Primeiro de Janeiro*, *Diário de Notícias* e *O Século* publicaram os diferentes boletins clínicos, mas incluíram também informação própria, recorrendo a fontes que tinham acesso ao doente. A escassa informação oficial era complementada com outros elementos, mas não é possível determinar, com exatidão, como seriam obtidos. A mão da censura torna-se visível quando um jornal fazia o desmentido de uma notícia que não tinha sido publicada. O *Diário de Notícias*, por exemplo anunciava que a equipa médica do hospital Curry Cabral estava pronta a receber o doente. Pelo seu lado, *O Século* fazia o desmentido com “O enfermo será tratado na residência”. Segundo este artigo, por decisão tomada em conjunto com o Secretário de Estado da Saúde (não explicita quem mais participou da discussão): “António de Oliveira Salazar não sairá, em nenhuma circunstância, da residência da Rua da Imprensa, à Estrela. Assim, em face das características da evolução da doença, estão admitidas todas as hipóteses, excepto a de deixar o domicílio.”⁴

A questão de os procedimentos médicos serem realizados em casa ou no hospital deve ter sido alvo de debate nos centros de poder, dadas as notícias contraditórias e a aparente falta de consenso da equipa médica, que também transpirava para as notícias nos diferentes jornais. O resultado inicial foram as contradições, mas depois as autoridades optaram pelo envio de informações clínicas em tom quase telegráfico e assinadas pelos médicos, talvez para calar as especulações.

4 *O Século*, 21 de Julho de 1970

Este procedimento está patente nos jornais, de 21 a 27 de julho, onde se podia ler o seguinte boletim:

“Situação actual do presidente é a seguinte:

- 1) O processo infeccioso encontra-se clinicamente controlado
- 2) O aparelho cardio-vascular está compensado
- 3) A função renal encontra-se gravemente afectada com retenção azotada progressiva
- 4) Para corrigir as perturbações existentes e procurar evitar o desenvolvimento de outras, pode tornar-se necessário efectuar técnicas de depuração
- 5 O prognóstico continua, portanto, a ser grave

Assinam: Prof. Cândido da Silva, Prof. Eduardo Coelho, Dr. Jacinto Simões”

Esta publicação defensiva esteve presente nos dias que antecederam a morte de Salazar e a imprensa procurou cruzar fontes não identificadas e obter dados para além dos lacónicos boletins clínicos: “Ao fim da manhã de ontem soube-se de via oficial”, “Assim, as últimas informações obtidas junto do chefe de governo” ou “no entanto, devido a muitas outras informações desencontradas, que chegaram de vários círculos, gerou-se um clima de incerteza e preocupação”. Quando, por fim, é anunciada a morte de António de Oliveira Salazar, o facto torna-se público e o escondimento desnecessário, pondo-se, assim, fim ao ambiente de especulação.

DELINEANDO UM ENQUADRAMENTO TEÓRICO: A MORTE ENQUANTO VALOR-NOTÍCIA

Do ponto de vista do jornalismo, a morte é inegavelmente valor-notícia. Ela é entendida pelo sistema noticioso como um acontecimento dramático sendo, portanto, parte integrante da essência da história da informação noticiosa (Golding; Elliott, 1988). De acordo com Seaton (2005), a morte, enquanto acontecimento brutal e inesperado, é suscetível de se transformar em notícia e se a esta característica se acrescentar ainda o fator proeminência, tratando-se do caso de uma figura pública, o valor-notícia é inevitavelmente de maior impacto. Sendo o jornalismo uma construção da realidade, é no processo de seleção, inclusão, exclusão ou realce (Goffman, 1974), i.e., procedimentos narrativos definidos como *framing* (Goffman, 1974; Entman, 1993; Scheufele, 1999), que o enquadramento emocional se configura como parte da estratégia textual dos jornais.

A morte mediada pela divulgação nos meios de comunicação social resulta numa forma de representação coletiva de dor e homenagem, através da qual o leitor é convidado a participar. Portanto, os media através da publicitação dos ritos fúnebres trazem este tipo de acontecimentos para o domínio da esfera pública. Esta prática tem raízes profundas na história do jornalismo ocidental e os relatos da morte, enquanto elemento disruptivo estão presentes desde o início da imprensa periódica, mas ganham maior relevância com a inclusão dos valores narrativos mais emocionais da imprensa popular do século XIX (Sumiala, Hakola, 2013). Por outro lado, é também com o desenvolvimento e maior inclusão da imagem nos periódicos, que este valor-notícia ganha cada vez mais espaço e também popularidade por parte dos públicos.

As representações da morte na imprensa são muito variáveis. A morte é divulgada como elemento integrante de grandes catástrofes, acidentes, atos violentos de guerra, em que massificação retira os elementos de identificação por parte de quem lê. De outra forma, as notícias sobre o falecimento de indivíduos podem conferir um maior valor nas narrativas textuais e visuais, através de múltiplos elementos de efeitos de proximidade (Silva, Coelho, Tavares, 2013). Nestes casos a relação com a dor é mais próxima, embora muitas vezes os relatos se refiram a pessoas anónimas. Contudo, por vezes, as notícias exacerbam os efeitos de dor coletiva quando se reportam ao fim trágico de uma personalidade conhecida do grande público. Os meios de comunicação social permitem a referida participação mediada neste acontecimento e a última homenagem coletiva por parte de quem lê as notícias ou tem acesso ao acontecimento através de outros media.

A morte de um estadista configura, pois, um acontecimento jornalístico de topo da hierarquia noticiosa, sendo que esta remete para um conjunto de critérios que vão ao encontro dos valores-notícia (Hanusch 2010; Seaton 2005). Tendo em consideração, esta conceptualização, podemos entender a razão de os meios de comunicação social estarem repletos de notícias onde a temática da morte é central, mas em regra associada a outros aspetos entendidos como critérios de noticiabilidade, como violência, desastres ou factos que de alguma forma nos são dados a conhecer através de relatos melodramáticos. Para Pantti (2005), as notícias da morte serão parte de um conjunto de diferentes acontecimentos entendidos como “emocionais” e que têm ganho um espaço cada vez maior no universo informativo, remetendo para uma exposição mediática do luto no espaço público.

No caso das grandes figuras públicas, a organização da máquina noticiosa permite às audiências uma participação indireta, através da forma como se constrói a composição jornalística. Por outro lado, os processos de *framing* podem transmitir uma carga emocional, que decorre do próprio acontecimento, mas que

pode ainda ser enfatizada pelo realce, composição e pela adjetivação do discurso. A transmissão deste tipo de acontecimentos pode ser preponderante no efeito de percepção coletiva e criar uma visão que perdura no imaginário da opinião pública, como foi o caso de Kennedy e Diana, dada a dramaticidade inerente ao seu final trágico destas.

Este elemento de partilha de um ambiente emocional instituído decorre de valores simbólicos próprios e da forma como a cultura coletiva percebe e manifesta a dor. Aqui, as representações mediáticas têm uma função essencial na configuração destas percepções, contribuindo também para a criação de um sentido de comunidade (Dayan; Katz, 1999). A construção social do jornalismo contribui para a criação da memória coletiva, de valores de identidade, de consciência do grupo, num processo onde se contam histórias e constroem personagens que transcendem o campo pessoal e o efémero (Kitch, 2002). Trata-se, pois, de um universo simbólico partilhado, em que a mensagem é inerente à valoração cultural coletiva dos públicos.

No campo noticioso, a morte das figuras públicas tem sido particularmente estudada à luz das grandes transmissões televisivas ou colocando a ênfase na cobertura imagística. (Dayan; Katz, 1999; Mesquita, 2003). Tal foi, reconhecidamente, a transmissão da notícia da morte de Diana, acontecimento dramático em si mesmo, mas altamente enfatizado pela difusão das imagens de manifestação de emoção e dor nas homenagens prestadas pelos britânicos (Brown, Basil, Bocarnea, 2003). Apesar da sua espetacularidade, a cobertura da morte de celebridades não se iniciou com a princesa britânica. Revestidas de grande dramatismo podem referir-se, entre outras, também as mortes do presidente Kennedy ou do primeiro ministro sueco Olof Palm, ambos vítimas de assassinatos enquanto no exercício do poder. Neste caso, para além do valor-notícia da proeminência e do impacto, o dramatismo destes acontecimentos coloca-os no topo da hierarquia noticiosa.

A cobertura da morte de personalidades da elite não se esgota, obviamente, apenas nos casos em que a violência e o dramatismo fazem parte do valor-notícia. A proeminência destas personalidades faz que com que os ritos fúnebres tenham sido trazidos para as primeiras páginas dos jornais, numa tradição que ainda se mantem. Os jornais anglos saxónicos da primeira fase do jornalismo industrial passaram a incluir notícias de morte e destruição, o que se traduziu na passagem deste tipo de acontecimentos da esfera privada para a esfera pública (Sumiala, Hakola, 2013). A inclusão da imagem (inicialmente gravuras e depois fotografias) conferiu um maior impacto e uma leitura imediata. Este processo evolutivo da imagem na imprensa periódica teve inicialmente mais relevo nas revistas ilus-

tradas, embora a industrialização da imprensa tenha levado à sua progressiva conquista dos diários generalistas. Quanto às figuras públicas, os jornais britânicos, por exemplo, noticiaram, a morte do rei Eduardo VII, com a cobertura das exéquias. Os efeitos de homenagem foram também incluídos com a descrição da obra do homem e incluíram já um conjunto de imagens, dando início a uma estratégia editorial que viria a ser dominante nos períodos seguintes.

O estudo sobre a morte de personalidades reconhecidas pelo público é geralmente referido como “cobertura mediática”, mas é a televisão, pelas suas características, o centro de análise da maioria dos autores (Örnebring, 2004). Contudo, e também de acordo com este autor, a imprensa tem estratégias diferenciadas em termos de cobertura jornalística que introduzem discursos não tão uniformes. Os jornais, ainda que não tendo esta capacidade dramática e global, têm tradicionalmente recorrido à cobertura fotográfica enquanto elemento essencial da estratégia editorial, na medida em que a imagem complementa o texto e contribui para contar a história, sendo fundamental no processo de identificação das personagens. Para além das fotorreportagens das cerimónias fúnebres, dos momentos rituais, das manifestações públicas de luto, as fotografias permitem também fazer os enquadramentos históricos de homenagem à vida e obra das celebridades, contribuindo, assim, para os processos de construção da memória coletiva.

A morte de António Oliveira Salazar corresponde a um desses processos de um ambiente construído, em que a imprensa portuguesa contribuiu, para a criação de modelos discursivos-tipo que contribuíram, de acordo com Fernandes (2013), para efeitos de sacralização e mitificação, presentes também em elementos visuais. A relevância da cobertura da morte do ditador por parte dos jornais, deve ser entendida também à luz do momento histórico em que ocorreu, uma vez que a televisão não ocupava ainda o lugar predominante em termos de media noticiosos, nem o seu alcance em termos de público português, era ainda central no campo das audiências. A acrescer às características da limitada difusão da televisão portuguesa, há que salientar que, na época, não se vivia ainda paradigma da transmissão em direto, vulgarizado muito mais tardiamente.

Outro elemento não menos importante do marco histórico é o facto de, na altura e como foi apontado, o país viver ainda sob um regime censório que configurou, necessariamente, a forma como as notícias narraram o acontecimento, bem como todo o processo de homenagem, globalmente adotado pelos jornais. No seu estudo exaustivo sobre a morte de Salazar na imprensa portuguesa, Fernandes (2013) aponta que quase todas as publicações periódicas trataram esta temática, tendo a cobertura fotográfica desempenhado um papel central.

Segundo este autor, quer a fotografia quer o layout das primeiras páginas foram estratégias narrativas que permitiram à imprensa fazer uma cobertura visual do acontecimento, num país onde a televisão não era ainda o médium central em termos de notícias, uma vez que não chegava a todas as pessoas. Seria, portanto, a imprensa ao principal responsável pela criação desses fenómenos de participação indireta nas exéquias do ditador, mas também, dos ambientes de emoção coletiva criadas à volta da sua morte.

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DOS JORNAIS: ALGUNS EXEMPLOS

Este estudo preliminar centra-se nos cinco jornais generalistas nacionais diários da época, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Jornal de Notícias*, *Comércio do Porto* e *Primeiro de Janeiro*, ficando de fora os vespertinos, embora a morte de Salazar tenha ocupado quase todas as primeiras páginas da imprensa periódica portuguesa (Fernandes, 2013). A escolha destes diários visa aferir se em termos da composição, elementos discursivos textuais e estratégias editoriais existem elementos comuns ou distintivos do ponto de vista do valor-notícia de acordo com o marco teórico anteriormente enunciado. Trata-se, portanto, de apontar padrões informativos, mas também discursivos que sejam identificáveis como constantes nos diferentes diários e verificar se existem duas formas distintas de representação do ditador. Para isso, fez-se uma leitura detalhada dos referidos jornais desde o dia 17 até 31 de julho de 1970. Como já foi referido, a fase final da doença foi vista à luz do controlo da informação. A notícia chegada aos jornais a 27 de julho, obedeceu a esta lógica centralizadora, uma vez que todos receberam a informação através do Secretaria de Estado da Informação e Turismo, onde para além do falecimento de Salazar, se informava os dias de luto nacional decretado pelo governo.

Do ponto de vista da hierarquia das notícias, a morte de Salazar anunciada a 28 de julho de 1970, constitui a notícia de primeira página em todos os jornais estudados, sendo, portanto, o topo da valoração informativa. O layout contribui também para enfatizar a importância do acontecimento. Em regra, os diários recorreram a títulos grandes, uma tarja negra e fotografias. Quase todos optaram pelo tipo grande, muito grande, de letras e menos quantidade de texto, sendo as edições a preto e branco. Maioritariamente, quase todas capas foram preenchidas na totalidade com o tema. As exceções foram o *Jornal de Notícias* e o *Comércio do Porto*. O JN reservou um espaço para a queda do helicóptero com os deputados da Assembleia Nacional, na Guiné. O *Comércio* inclui outras temáticas, embora a notícia da morte ocupasse a maior parte da capa. Nos dias seguintes e até 31 de

julho esta opção de ocupação de toda a primeira página manteve-se, com exceção de *O Comércio do Porto*, que continuou a incluir notícias diversas, nomeadamente, a visita de Américo Tomaz a São Tomé e Príncipe. *O Primeiro de Janeiro* e *O Século* também referem a publicação de uma edição especial do dia anterior, a noticiar a morte, mas não foi possível aceder a estes exemplares.

Quanto ao número de páginas dedicado a este tema, ele é muito variável de jornal para jornal, contudo, o *Diário de Notícias* e *O Século* foram os que mais espaço deram a António de Oliveira Salazar. *O Século* criou cadernos especiais dedicados à sua vida e obra. É compreensível o espaço editorial dedicado pelos matutinos portugueses à morte de Salazar, tratando-se do homem que controlou o país durante quase quatro décadas. As estratégias editoriais adotaram processos de composição em que se incluíram aspetos informativos e de agenda, procedimento normal dado tratar-se de uma figura de estado. A forma como estas abordagens se desenvolveram, bem como o número de peças traduzem diferenças decorrentes da própria natureza da diversidade da imprensa portuguesa. Os dois jornais de Lisboa dedicaram muito mais páginas a Salazar, seguidos de *O Primeiro de Janeiro*. *O Comércio do Porto*, de todos os diários o que tinha menos meios, foi o que menos espaço dedicou a esta temática. Por outro lado, os jornais da capital e o *Janeiro* evidenciaram uma maior facilidade de acesso a fontes diversificadas, o que mais uma vez se pode justificar pela estruturas das empresas e organização das redações.

A cobertura noticiosa pode ser vista segundo três momentos distintivos: a informação inicial e em que o efeito de mediatização é ainda comedido, uma vez que as visitas são exclusivas daqueles que privaram com Salazar e que podiam entrar em sua casa. *O Comércio do Porto* refere que “por amável informação de um funcionário da Direcção Geral de Segurança, os representantes da imprensa não tiveram acesso ao interior da residência de São Bento.”⁵; a transposição para o domínio público, quando as exéquias se trasladam para o mosteiro dos Jerónimos, transformando-se num cerimonial de Estado, mas sendo também notícia a primeira homenagem pública dos populares, como refere o *Primeiro de Janeiro*: “Milhares de pessoas assistiram à passagem do cortejo fúnebre do palácio de São Bento até aos Jerónimos. No solene préstito incorporaram-se as mais representativas figuras da vida nacional.”⁶; e o regresso ao domínio do homem, quando vai a enterrar em Vimioso, em “campa rasa”, um retornar às “origens humildes da terra que o viu nascer”, sendo este enquadramento mais presente no JN e no *Comércio*.

5 *O Comércio do Porto*, 28 de julho de 1970.

6 *O Primeiro de Janeiro*, 29 de julho de 1970.

Apesar desta divisão do tempo, a que podem corresponder as diferentes dimensões do homem, a mensagem dominante para quem lia os jornais era de que tinha morrido o grande estadista. Esta ideia foi transversal nos dias analisados e resulta de em todos os diários se terem multiplicado notícias de homenagem, nacionais e estrangeiras, reportagens dos diferentes momentos, personalidades envolvidas, e também esboços biográficos. As reportagens e notícias tiveram uma estratégia de remissão para a factualidade possível, com depoimento de fontes e inúmeros elementos informativos quanto às homenagens, missas, votos de pesar nacionais, constituindo-se em elementos de composição que tinham também uma dimensão geográfica, em Portugal, ilhas, colónias, mas também no plano internacional. Este tipo de informação foi excessivo e por vezes as notícias repetiam-se.

Se a homenagem ao estadista é natural e plausível, já outros elementos textuais podem ter contribuído para um exagero no efeito de homenagem, já que o discurso jornalístico foi também marcado por adjetivações e os elementos de elogio e de exaltação do ex-governante que contribuíram para enfatizar este enquadramento. Esta adjetivação esteve presente em peças jornalísticas típicas, mas foi mais evidente nas colunas de opinião e nos textos editoriais, nem sempre assinados.

A morte, em regra, tende a apresentar as qualidades da pessoa falecida e a omitir os aspetos negativos. António de Oliveira Salazar teve, como é sabido, inúmeros detratores nacionais e estrangeiros. A ideia de que de que tinha inimizades foi reconhecido nalguns dos textos, mas num dos casos, o Comércio refere um ramo de flores enviado por um seu adversário, que reconheceria assim o seu valor. Eventuais notícias negativas nacionais ou estrangeiras não se replicaram na imprensa nacional. Salazar foi representado como o pai da pátria, o salvador em diferentes momentos da sua carreira política. Os diários, como maior ou menor extensão, transmitiram uma narrativa unívoca, onde a obra do homem foi sempre enaltecida, recorrendo a efeitos narrativos diversificados.

No editorial de *O Século* podia ler-se: “Um sentimento sincero de admiração e respeito, e de reconhecimento pelas ideias, as acções e as obras de um dos maiores notáveis portugueses de todos os tempos e que foi, nesse aspecto, uma figura de forte projecção internacional. (...) Não houve no mundo, que saibamos, um caso tão extraordinário de permanência no poder, sem quebra de prestígio.”⁷ Pelo seu lado, no *Janeiro* podia ler-se: “Desaparece uma notável figura nacional que entrou na atividade política num período agitado e nela se manteve em rigorosa acção (...). Ao leme do País durante quarenta anos, encaro os problemas de frente com

7 *O Século*, 28 de julho de 1970

decisão e pertinência.”⁸. Além da abordagem textual mais ou menos comprometida, todos os jornais usaram os relatos biográficos e fotografias como estratégia de glorificação do estadista, inclusivamente com a publicação dos seus discursos. Esta projecção da figura eminente está presente desde o anúncio da morte até ao cortejo fúnebre, nomeadamente na paragem em Coimbra, onde a Universidade lhe prestou a última homenagem.

O discurso apologético foi mais presente nos dois diários de Lisboa. As páginas com elogios assinados ou não, foram muitas. O *Diário de Notícias* foi o jornal que mais páginas dedicou à morte do ditador, sendo, portanto, os textos de exaltação da obra e do homem em maior número. O enquadramento de grandeza, de figura primeira da História, foi um elemento discursivo recorrente: “Morreu o Homem que foi verdadeiramente grande. (...) Não se pode ser grande sem ter inimigos. Salazar tinha-os, mas estou em crer que mesmo aqueles que em vida se lhe opunham não deixarão agora, os que tiverem nobreza de alma, de prestar homenagem ao seu valor humano, à isenção e integridade que o esmaltavam, ao inultrapassável poder mental e volitivo e pulcritude da sua acção de conduta de homens (...).”⁹ Esta ideia de grandiosidade está também presente no texto seguinte: “Salazar foi o Chefe, foi o Guia excepcional, foi o construtor de um País que houve refazer desde os fundamentos, que foi necessário instalar num ritmo de impulso que há mais de um século se havia perdido, estiolado e sem força vital, que por lutas políticas que nem sempre atingiram a grandeza d ideal que pretendiam servir.”¹⁰

Salazar foi normalmente descrito como distante e austero, mas a dimensão discursiva de perda do pai da pátria, do refundador da nação remeteu para a ideia de luto, mas também de perda, de orfandade. Isto é, o elogio e a perda promovem o enquadramento da emotividade, um pouco contra a imagem projetada por Salazar: “A profunda emoção que a nação vive nesta hora em toda a extensão dos seus territórios, da Europa à África e ao Oriente, só é comparável às maiores sofridas no decorrer do século.”¹¹ O DN foi claramente o jornal que mais vezes usou o termo emoção, quer refletindo o momento que se vivia, quer pela experiência pessoal de quem escrevia neste mesmo texto: “Mas neste momento, a emoção turva-nos a serenidade ofusca o passado e falta-nos a perspetiva (...)”. Numa notícia do dia da morte, o jornalista do *Diário de Notícias* relata: “Para permanecer teria

⁸ Primeiro de Janeiro, 28 de julho de 1970

⁹ *Diário de Notícias*, 29 de julho de 1970

¹⁰ *Diário de Notícias*, 28 de julho de 1970

¹¹ *Diário de Notícias*, 29 de julho de 1970.

tido, porém, de dominar a emoção que me tomou, junto ao leito em que jaziam os restos mortais daquele cuja vitalidade fora finalmente vencida. Teria tido de amarfanhar o sentimento do homem, para servir os brios do jornalista.”¹² Para além destes exageros discursivos, todos os jornais procuraram também transmitir o ambiente emocional coletivo pela inclusão de inúmeras notícias da agenda dos atos solidários, como as exéquias fúnebres que se celebraram na metrópole e nas colónias e todas as manifestações de pesar de grémios, associações, camaras, universidades e demais representantes corporativos, presentes nos quatro dias de cobertura do evento. Obviamente que a exaltação da emotividade por parte dos que participaram nas cerimónias foi devidamente relatada nos cortejos fúnebres, na vigília dos Jerónimos e em Vimoso.

Os jornais tiveram também a necessidade de validar Salazar como figura de primeira grandeza reconhecida internacionalmente. Recordou- o prestígio reconhecido do ditador e a sua visão estratégica no final da II Guerra Mundial. Multiplicaram-se notícias sobre telegramas de dirigentes estrangeiros, da realeza, de membros da cúria romana, que contribuíram para esta estratégia de reconhecimento da atuação da figura do estadista. Reproduziram-se as notícias de diários americanos, franceses, espanhóis, brasileiros, argentinos, sul-africanos, e todos os que não eram manifestamente contra a ditadura. Espanha foi o país mais citado, com o envio de condolências do Generalíssimo Franco, as flores e notícias de missas, sendo o Brasil a outra nação mais solidária.

A estratégia de elogio e exaltação do grande chefe da nação perde-se um pouco no terceiro momento das cerimónias, até porque a aldeia natal de Salazar não se presta, pela dimensão, a grandes atos públicos. O último episódio de exaltação à grandeza do homem dá-se em Coimbra, para que a Universidade pudesse prestar homenagem ao seu lente. Por oposição, o funeral parece ter sido o desfecho rápido, em que as figuras de Lisboa pareciam deslocadas. Nem todos os jornais optaram por destacar o enquadramento da a origem humilde, a austeridade, a simplicidade. Os diários que maior destaque deram à cerimónia da aldeia beirã mostram o povo simples como ator, num espetáculo de dor diferente, não contida. O *Diário de Notícias* deu muito pouca relevância a este fim remoto, não publicando uma única fotografia.

¹² *Diário de Notícias*, 28 de abril de 1970.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salazar governou Portugal durante cerca de quatro décadas, construindo um regime político ditatorial e repressor que condicionou a forma como o país se desenvolveu, ao longo do século xx. Dada a sua preponderância política, não é de estranhar a relevância da sua morte para os jornais e este facto se ter constituído em valor-notícia de primeira grandeza. Assim, a imprensa portuguesa dedicou o espaço espectável às cerimónias fúnebres, mas a cobertura jornalística não se limitou aos procedimentos habituais instituídos que a máquina informativa adota aquando da morte de personalidades públicas de relevo. Para além das estratégias editoriais, as notícias publicadas foram ainda condicionadas pelo aparelho censor.

Apesar de a censura não ser o foco deste estudo, ela é incontornável e foi particularmente notada desde que Salazar adoeceu. Nos dias que antecederam a sua morte, a sua ação foi marcada pela informação contraditória publicada, mas também pelo teor telegráfico dos boletins clínicos. A notícia do falecimento de António Oliveira Salazar foi igualmente controlada e enviada por via oficial aos jornais.

Quanto à temática da morte e tratamento jornalístico, os jornais adotaram procedimentos informativos esperados quando morrem personagens públicas importantes. Dedicaram-lhe um grande espaço editorial, recriaram elementos biográficos, reportaram as homenagens públicas e internacionais, recorreram à fotografia para complementar as narrativas e os *layouts* enfatizaram a ideia de luto. Estas características foram comuns à imprensa estudada, embora os recursos fossem variáveis de redação para redação. Alguns jornais, sobretudo os do Porto, tiveram que recorrer mais informação oficial e menos a fontes próprias. Os diários de Lisboa apresentam maior volume de notícias, mas muita da matéria impressa contribui para um enquadramento elogioso patente.

Os efeitos de composição foram também idênticos, sendo o tipo de informação e peças similares, variando, como foi visto, em função dos meios de cada redação. No caso dos jornais de Lisboa, mas mais ainda no *Diário de Notícias*, o espaço editorial e de crónica foram mais preponderantes, contribuindo para uma apologia deliberada.

Os diários portugueses destacam o enquadramento do grande estadista e salvador da pátria e, como resultado, surge outro elemento discursivo, que é o da orfandade, dor e perda, o que de alguma forma a transpõe para o domínio da esfera pública. As representações da emoção individual ou coletiva estão presentes em todos os jornais, sendo mais uma vez o DN a utilizar a emoção em

diferentes figuras narrativas, inclusivamente no discurso pessoal. A dimensão da homenagem ao estadista é dada em diferentes peças, abrangências geográficas e reconhecimento da elite governativa internacional. Este enquadramento é complementado pelas inúmeras biografias que retratam a obra do ditador. Pontualmente, o discurso dos jornais reconhece que Salazar tinha detratores, mas não há publicação de notícias críticas, o que denota o discurso condicionado.

BIBLIOGRAFIA

- Brown, W. J., Basil, M. D. & Bocarnea, M. C. (2003). Social Influence of an International Celebrity: Responses to the Death of Princess Diana. *Journal of Communication*, Vol. 53, (4), pp. 587-605.
- Cabrera, Ana (2017). A imprensa portuguesa no Estado Novo. In Sousa, J. P., Lima, H., Hohlfeldt, A. & Barbosa, M. (Eds.), *Uma História da Imprensa Lusófona* (Vol. 2) (pp. 311-384). Lisboa: Editora Media XX.
- Dayan, D. & Katz, E. (1999). *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Entman, R. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, Vol. 43 (4) pp. 51-58.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Cambridge: Harvard University Press.
- Golding, P., & Elliott, P. (1996). News values and news production. In P. Marris, S. Thornham (Eds.), *Media studies: A reader* (pp. 403-415). Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Hanusch, V. (2010). *Representing Death in the News: Journalism, Media and Mortality*. London: Palgrave Macmillan.
- Kitch, C. (2002). A death in the American Family: Myth, Memory, and National Values in the Media Mourning of John F. Kennedy, Jr.. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, Vol. 79 (2) pp. 294-309.
- Lima, H. (2017). A «queda» de Salazar: a doença e morte do ditador na imprensa portuguesa. In Garcia, J. L. Alves, T. & Léonard Y. (Eds.). *Salazar, o Estado Novo e os Media* (pp 363-380). Lisboa: Edições 70.
- Lima, H. (2013). Meios de Censura e Formas de Condicionamento do Jornalismo na Ditadura. *Revista Media & Jornalismo* Vol. 12 (23), pp. 165-188.
- Meneses, F. R., (2010). *Salazar. Uma Biografia Política*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.
- Nogueira, F. (1989). *Salazar, O Último Combate (1964-1970)*, (Vol. 6). Porto: Livraria Civilização Editora.
- Örnebring, H. (2004). Revisiting the Coronation. A Critical Perspective on the Coronation of Queen Elizabeth II in 1953. *Nordicom Review*, Vol. 25 (2-3), pp. 175-195.
- Pantti, M. (2005). Masculine tears, feminine tears - and crocodile tears. Mourning Olof Palme and Anna Lindh in Finnish newspapers. *Journalism*, Vol. 6 (3), pp. 357- 377.
- Rodrigo L. F. (2013). *A Morte de um Ditador: O Visual e o Olhar no Funeral de António de Oliveira Salazar* (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

- Scheufele, D. (1999). Agenda-Setting, Priming, and Framing Revisited: Another Look at Cognitive Effects of Political Communication. *Mass Communication and Society* Vol. 3 (2-3), pp. 297-396.
- Seaton, J. (2005). *Carnage and the media: the making and breaking of news about violence*. London: Allen Lane.
- Silva, G., Coelho, G. S. & Tavares, L. (2013). Imagens e experiências nas notícias sobre morte. *Estudos em Jornalismo e Mídia* – Vol. 10 (2), pp. 495-513.
- Sumiala, J. & Hakola, O. (2013), Introduction: Media and death. *Thanatos*, Vol. 22/2013, <https://thanatos-journal.com/2013/12/20/thanatos-vol-2-22013-media-death/>.
- Cavaco, S. (2012). *Mercado media em Portugal no período Marcelista: os media no cruzamento de interesses políticos e negócios privados*. Lisboa: Edições Colibri.

